

Criação / Poesia

A POESIA que apareceu na Rússia a partir do início deste século marcou certamente um dos momentos fortes de nossa cultura.

Tive a satisfação de trabalhar com Augusto e Haroldo de Campos no trabalho de aproximação que resultou nas duas antologias que publicamos (1), além de outros trabalhos. Depois, vi essa tarefa retomada por poetas mais jovens e, por ocasião do centenário do nascimento de Maiakóvski, a *Revista USP* (2) publicou traduções de seus poemas por Luiz Sampaio Zacchi, Nelson Ascher e Trajano Vieira.

Nos últimos anos tenho traduzido com Nelson Ascher (escritor e poeta), que se encarregou da elaboração poética em português.

Seguem-se uns poucos exemplos, que deverão fazer parte de um livro.

Boris Schnaiderman

Notas

1 Augusto e Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, *Poemas de Maiakóvski*, São Paulo, Perspectiva, 1982; os mesmos, *Poesia russa moderna – Nova antologia*, São Paulo, Brasiliense, 1985.

2 *Revista USP*, n° 19, set./out./nov. 1993, p. 188-203.

VELIMIR KHLÉBNIKOV

“Basta-me...”

Basta-me um mínimo:
lasca de pão,
gota de leite
e, céu acima,
nuvens alvíssimas.

1912, 1922

Recusa

Agrada-me bem mais
olhar estrelas
do que assinar sentenças
de morte.
Agrada-me bem mais
ouvir a voz das flores
que, murmurando *é ele*,
meneiam as corolas
quando eu cruzo o jardim
do que ver os escuros
fuzis da guarda
mataram quantos querem
matar-me –
por isso eu não serei
– jamais – um governante.

Janeiro-abril de 1922

VELIMIR KHLÉBNIKOV é poeta das grandes explosões verbais, o descobridor de possibilidades completamente desconhecidas da língua. Mas, ao mesmo tempo, ele tem momentos de sutileza como o do primeiro destes poemas. Já o segundo, com sua declaração firme, dispensa qualquer comentário.

ÓSSIP MANDELSTAM

“Vivemos sem sentir...”

Vivemos sem sentir a Rússia embaixo,
não se ouvem nossas vozes a dez passos.

Mas onde houver meia conversa – sempre
se há de lembrar o montanhês do Kremlin.

Seus grossos dedos são vermes obesos;
e as palavras – precisas como pesos.

Sorri – largos bigodes de barata;
e as longas botas brilham engraxadas.

Rodeiam-no cascudos mandachuvas;
seu jogo: os meio-homens que subjuga.

Um assobia, um rosna, um outro mia,
só ele é quem açoita, quem atiça.

E prega-lhes decretos-ferraduras
na testa ou no olho, na virilha ou nuca.

Degusta execuções como quem prova
uma framboesa, o osseta de amplo tórax.

1934

Este poema parece ter sido a causa principal da prisão de ÓSSIP MANDELSTAM em 1934, o início de um calvário, que incluiria residência forçada em Voróniej durante três anos, em condições de miséria, cerca de um ano em liberdade, mas sem poder residir em Moscou, nova prisão e permanência num campo de trabalho na Sibéria, onde morreu.

Depois de elaborado o poema, ele foi lido a alguns amigos – o suficiente para causar a perdição de seu autor.

“Crânios humanos somem...”

Crânios humanos somem pilha a pilha,
onde, invisível, mínguo na distância,
mas num bom livro e em jogos de criança,
darei, ressuscitando, que o sol brilha.

Vorônioj

“Roubar-me os mares...”

Roubar-me os mares, ares, vôo, tolhendo
meus pés na terra atroz – foi o bastante?
Mas, malgrado o teu cálculo estupendo,
não me arrancaste os lábios murmurantes.

Vorônioj, maio de 1935

Estes dois poemas fazem parte de os *Cadernos de Vorônioj*, que foram escritos durante a residência forçada de ÓSSIP MANDELSTAM naquele cidade e constituem parte importante de sua obra.

BÓRIS PASTERNAK

“A fama é reles...”

Ter fama é reles; a escalada
ao apogeu segue outras leis.
Arquivos não servem de nada,
Não tremas sobre os teus papéis.

Criar é se entregar de todo,
e não sucesso ou alarido.
É vergonhoso, sendo engodo,
virar provérbio difundido.

Cumprir viver, mas sem disfarce,
para atrair-se enfim o puro
amor do espaço ou escutar-se
o apelo, ao longe, do futuro.

Deixa as lacunas no destino,
nas obras, não. Qualquer passagem,
qualquer capítulo ou domínio
de tua vida – anota à margem.

Some no anonimato e esconde
teus passos como sítio oculto
por brumas muito espessas onde
não há como entrever seu vulto.

Outros, que irão por tua rota,
seguem teu rastro, passo a passo.
Mas não te cabe ser quem opta
entre um sucesso ou um fracasso.

Não rendas nunca, por motivo
algum, teu rosto, tua estrada;
prosegue vivo, apenas vivo
até o fim, vivo e mais nada.

1956

“Quero Chegar ...”

Quero chegar em tudo ao cerne,
ao mais oculto.
Buscando a rota, no afazer, no
peito em tumulto.

Ao bojo dos dias de outrora,
ao próprio centro,
justo às raízes e às escoras,
medula adentro.

Sempre agarrando toda a série
de sinas, fatos,
sentir, pensar, amar, viver e
fazer achados.

E escreveria, ah, se o lograsse,
sobre os diversos
dons da paixão, de todo ou quase,
em oito versos.

Seus crimes, fugas e caçadas,
seus atropelos
acidentais, mãos espalmadas
e cotovelos.

Deduziria a essência inata
e as suas leis,
diria a inicial de cada
nome outra vez.

Dispondo cantos em canteiros,
com veias tensas,
veria as tílias: o horto inteiro
posto em seqüência.

E verteria, em verso, aromas
de rosa e menta,
prado, flor, feno e quanto assoma
numa tormenta.

Assim Chopin verteu – portento
vivo – seu mundo,
sítios, jazigos, bosques, dentro
de seus estudos.

O jogo e o suplício do afã de
vencer de fato –
a corda retesa e vibrante
do arco dobrado.

1956

Estes poemas de *BORIS PASTERNAK* pertencem à última fase, quando ele pretendia chegar à dicção mais direta e singela.

MARINA TZVIETÁIEVA

Madrugada sobre os trilhos

Antes que o dia adentre
com mil paixões convulsas,
de trilhos – de relento,
refaço toda a Rússia.

De estacas – de relento,
de gris – de orfandade,
antes que o dia adentre
ou sinaleiro brade.

A névoa paira infinda,
envolto em lona, enorme
granito aguarda ainda
e o prado xadrez dorme.

De pássaros – relento...
aço murzelo mente
ainda um louco alento –
Moscou: ainda em frente!

E sob o olhar-minúcia,
com seu domínio etéreo,
como esbordou a Rússia
em três linhas de ferro!

Vou espriá-la além!
No trilho invisível estendo,
relento adentro, um trem
com vítimas de incêndio.

(Com tantos quantos somem
sem gente ou Deus notá-los.
Sinal: quarenta homens
e mais oito cavalos!)

E onde as distâncias entre
dormentes são entraves,
de orvalho – de dormentes,
de orvalho – de orfandade.

Antes que o dia aponte
com mais paixões convulsas,
ao longo do horizonte
refaço toda a Rússia.

Nem falsa, nem mesquinha:
e olhem, ao longe, o brilho
azul de um par de trilhos!
Nas linhas, lá, nas linhas...

12 de outubro de 1922

MARINA TZVIETÁIEVA partiu para o estrangeiro em maio de 1922.

Poema 8 para as terras tchecas

Oh lágrimas nos olhos!
Pranto de amor, de ira!
Tchecoslováquia: espólios!
Espanha em sangue expira!

Oh monte que apavora,
pois tudo eclipsa avesso!
Devolvo – é hora, é hora –
ao Criador o ingresso.

Nego-me – a ser. Detida
no hospício com a escória,
renego mesmo – a vida.
Com lobos praça afora,

nego-me – a uivar demente.
Com tubarões do prado,
Nego-me – a ir em frente:
descer dorsos a nado.

Que ouvidos fiquem surdos
e olhos videntes – cegos.
Ao teu mundo de absurdos,
respondo só – renego.

15 de março – 11 de maio de 1939

Após a invasão da Tcheco-Eslováquia, onde havia residido antes de mudar-se para a França, *MARINA TZVIETÁIEVA* escreveu uma série de poemas arrebatados. Existe tradução brasileira de outro do mesmo ciclo, efetuada por Augusto de Campos e incluída em *Poesia russa moderna - Nova antologia*.

A referência ao *ingresso* que ela devolve ao Criador é uma alusão direta à passagem de *Os irmãos Karamazov*, em que Ivã diz ao irmão: “Não é Deus que não aceito, Aliocha, eu apenas lhe devolvo respeitosamente o meu bilhete de ingresso”(Livro V - Cap. IV - “A revolta”).

VLADÍMIR MAIAKÓVSKI

Despedida

Eis o carro.

Troquei o último franco.

– Que horas parte o trem para Marselha? –

Paris

corre ao meu lado

enquanto arranco,

com toda

a graça incrível

que revela.

Acode,

adeus viscoso,

aos olhos vis,

inunda

o coração

de pieguice!

Viria aqui

viver-morrer,

Paris,

se um tal lugar

– Moscou –

não existisse.

1925

BORIS SLÚTZKI

“*Os judeus...*”

Os judeus não plantam trigo
e são todos comerciantes;
os judeus vivem roubando
e se tornam calvos antes.

Os judeus são maus soldados
e têm ambições mesquinhas:
Ivan luta nas trincheiras;
Abrão lucra atrás das linhas.

Ouç-o desde a infância e logo
serei velho, mas refúgio
não conheço contra o grito:
“Judeu sujo! Judeu sujo!”

Eu, que nada comeciei,
eu, que nunca roubei nada,
trago em mim, como infecção,
esta raça amaldiçoada.

Fui poupado pela bala
pra dizerem com motivo
que “Judeu algum morria!
Cada qual retornou vivo!”

Este é um dos poemas de *BORIS SLÚTZKI* publicados na Rússia depois de iniciada a *glasnost*, bem diferente daqueles que apareceram nos anos anteriores. Evidentemente, ele os foi guardando na gaveta e, assim, apareceu um poeta explosivo, revoltado, em lugar do escritor bem enquadrado nas normas oficiais.

ALEKSANDER TVARDOVSKI

“Tudo reduz-se ...”

Tudo reduz-se a um único preceito,
que escondo, mas direi, chegada a hora.
Eu mais do que ninguém, a seu respeito,
mais que vivos e mortos, sei agora.

Jamais, por nada, confiaria a posse
desta palavra aos outros, todavia,
nem sequer a Tolstói – embora fosse
divino e eu só mortal – eu a diria.

Respondo pelo que é meu, e somente
uma coisa me ocupa a vida inteira:
o que sei bem melhor que toda gente,
quero dizê-lo. E da minha maneira.

1958

ALEKSANDER TVÁRDOVSKI – que se consagrou sobretudo com o longo poema narrativo *Vassili Tiórkin*, sobre um soldado na guerra com os nazistas, apresentado geralmente como uma das realizações máximas do realismo socialista –, dirigiu durante algum tempo, sob o governo de Khruschóv, a revista *Nóvi Mir* (*Novo Mundo*). Imprimindo-lhe uma orientação bastante liberal, conseguiu publicar ali materiais que seriam inconcebíveis na imprensa soviética alguns anos antes, inclusive estas quadras.